Opinião dos jovens Africanos sobre a parceria África-Europa

Um inquérito da Now Generation Network da Fundação Mo Ibrahim sobre a 7.ª Cimeira UA-UE de 24 a 25 de Novembro de 2025

Mo Ibrahim Foundation

NOVEMBRO 2025

Introdução

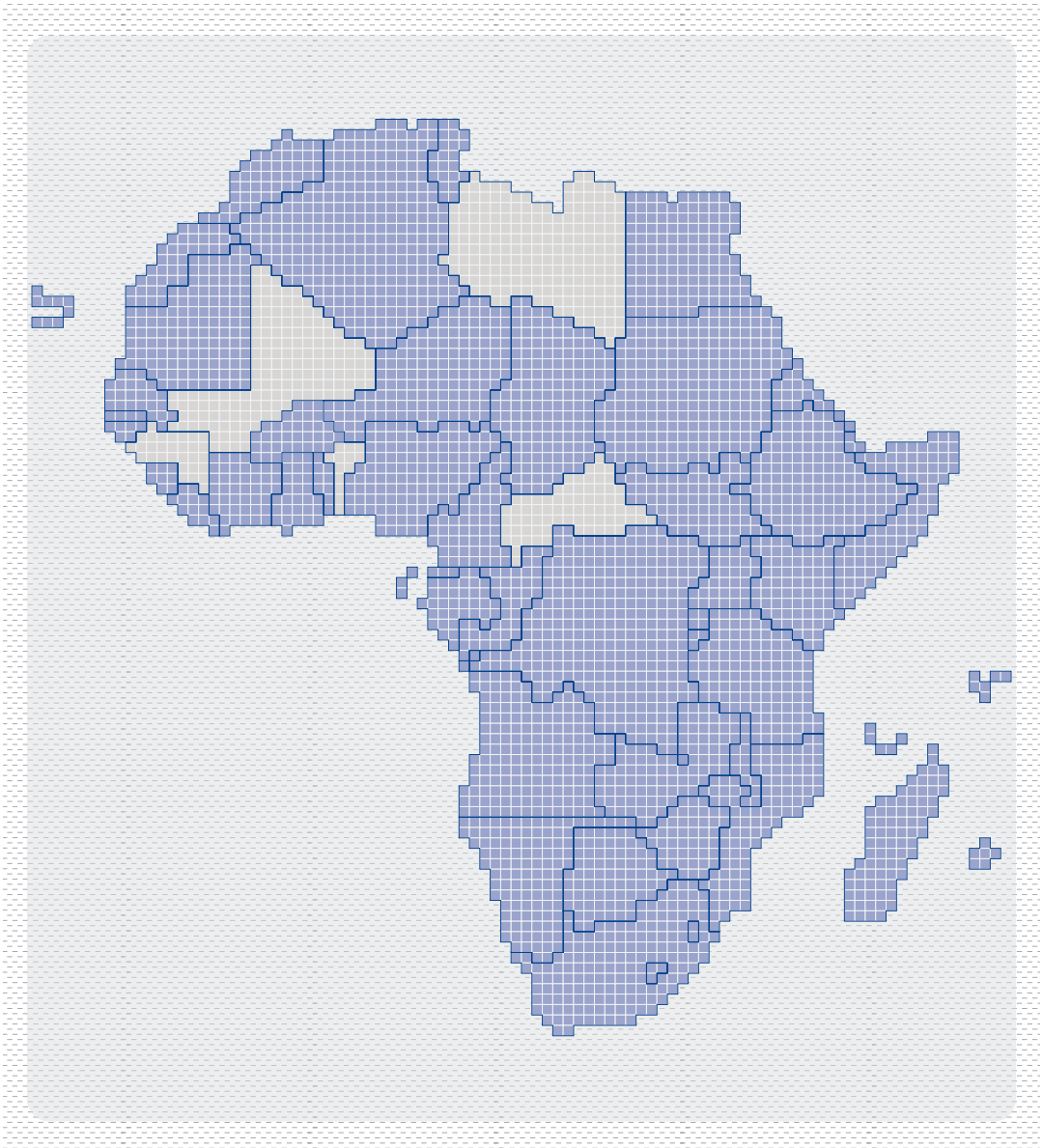
Nos dias 24 e 25 de Novembro de 2025, os líderes dos 27 Estados-membros da União Europeia (UE) e dos 54 Estados-membros da União Africana (UA) irão reunir-se em Luanda para a 7.ª Cimeira UA-UE.

Antes da Cimeira, a Fundação Mo Ibrahim considerou importante dar voz à maioria da população africana, os seus jovens, que atualmente representam cerca de 70% do continente.

A presente nota resulta de um inquérito realizado junto da Now Generation Network da MIF, composta por 256 membros de 49 países africanos, que partilharam as suas opiniões sobre o estado geral das relações intercontinentais, os progressos feitos relativamente aos compromissos da 6.ª Cimeira UA-UE realizada em Bruxelas em 2022 e as principais prioridades que consideram essenciais para a 7.ª Cimeira.

Países africanos: Representação dos membros da NGN (2025)

● Membros ● Não membros

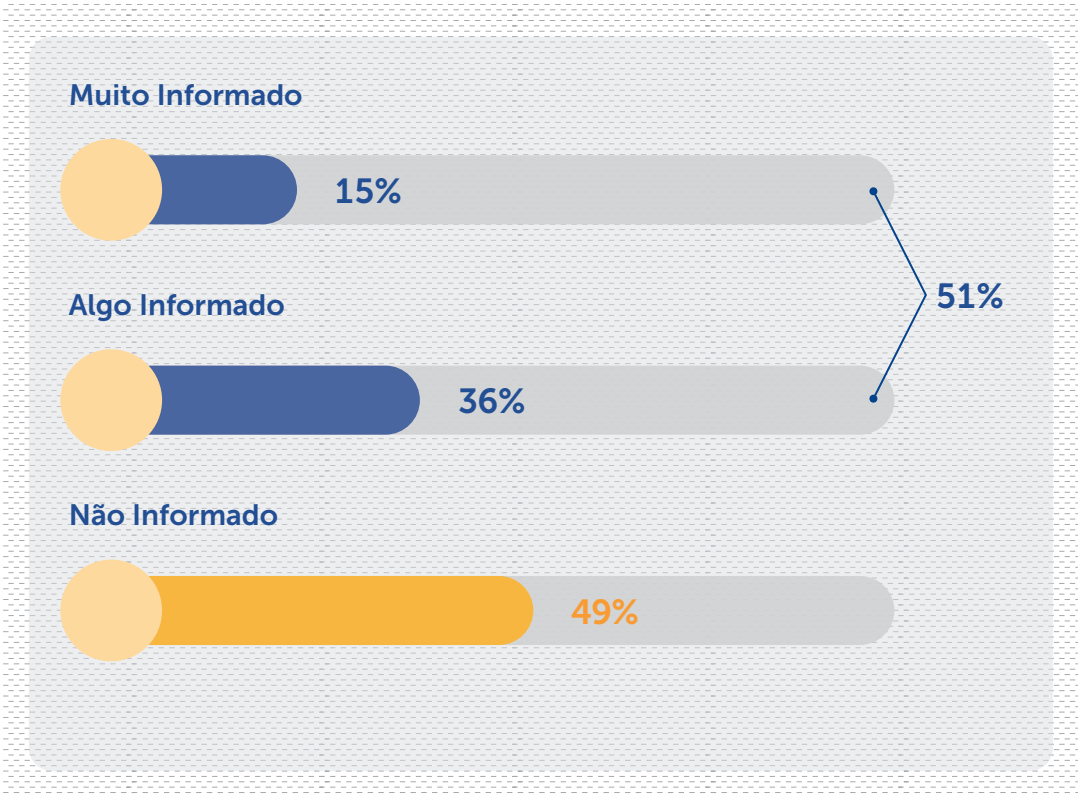


A. Avaliação da 6.ª Cimeira

A última Cimeira UA-UE teve lugar em Fevereiro de 2022, na Bélgica. Até que ponto está informado sobre essa cimeira e sobre os compromissos assumidos, incluindo a vertente africana do Global Gateway da UE?

Quase metade dos inquiridos desconhece a 6.ª Cimeira UA-UE e os compromissos assumidos. Adicionalmente, 36% afirmam ter alguma noção do que foi discutido. Apenas 15% dizem estar muito informados sobre a cimeira de 2022 e os seus compromissos para com África.

Quão informado está sobre a Cimeira UA-UE de 2022 e os seus compromissos, como o Pacote de Investimento Global Gateway África-Europa?



Para os que estavam informados sobre a 6.ª Cimeira, qual é a sua avaliação da implementação dos compromissos assumidos na 6.ª Cimeira e da execução do Global Gateway na África?

Dos 51% que tinham conhecimento da 6.ª Cimeira e dos seus compromissos, as respostas revelam um sentimento tendencialmente misto ou negativo, com a perceção geral de uma execução lenta e fortes apelos a uma maior transparência, responsabilização conjunta e apropriação africana para um progresso eficaz do Global Gateway em África.

Os inquiridos reconhecem que, apesar de alguns progressos, como o aumento do interesse comercial europeu, o financiamento mobilizado com o Global Gateway e o diálogo sobre a transição verde, muitos compromissos permanecem por cumprir ou avançam de forma lenta.

As principais preocupações incluem o atraso africano na transformação digital, a falta de impacto económico tangível, o envolvimento insuficiente das comunidades locais e tensões geopolíticas que reduziram a ajuda europeia.

> Na prática, vários projetos avançaram no âmbito do Global Gateway, nomeadamente em conectividade digital, energias renováveis e transportes. No entanto, lacunas de coordenação, fraca criação de mais-valia local e atrasos burocráticos limitaram o seu impacto.

> No geral, os compromissos da 6.ª Cimeira UA-UE e a iniciativa Global Gateway representaram um quadro ambicioso para aprofundar a parceria África-Europa. A implementação está em curso, especialmente no investimento, infraestruturas e acordos institucionais. No entanto, a "qualidade" da implementação - em termos de apropriação, impacto, reciprocidade e responsabilização - fica aquém da ambição.

> A execução é lenta e desigual. Embora a UE tenha prometido 150 mil milhões de euros no âmbito do Pacote de Investimento Global Gateway África-Europa, muitos projetos ainda estão em fases iniciais ou de estudo.

> Observou-se uma transição palpável das simples promessas para o lançamento de iniciativas e pacotes financeiros, sobretudo no âmbito do Global Gateway. Apesar disso, o progresso é lento e vulnerável a obstáculos económicos e políticos globais. É essencial que o Global Gateway entregue resultados concretos, reflita verdadeiramente as prioridades africanas e garanta transparência para evitar a acumulação de dívida insustentável.

> Gostaríamos de ver mais informação sobre o progresso do Global Gateway na perspetiva da UA. Muito do que existe vem do lado europeu, e numa parceria, a responsabilização e a transparência devem ser partilhadas.

B. Expectativas para a 7.ª Cimeira

A 7.ª Cimeira terá lugar dentro de algumas semanas em Angola. Quais são as suas expectativas e quais as prioridades que gostaria de ver discutidas?

1. Apelo a uma mudança de paradigma e processos: propriedade partilhada das iniciativas do Global Gateway, responsabilização mútua e alinhamento com prioridades africanas

Os membros da NGN esperam que a 7.ª Cimeira UA-UE vá além das promessas e entregue resultados concretos, apelando a uma mudança de declarações para ações tangíveis e co-concebidas, que reforcem a parceria África-Europa através da prosperidade partilhada e da responsabilização recíproca.

> A 7.ª Cimeira em Angola será um momento crucial para renovar e reequilibrar a parceria África-Europa. As expectativas são elevadas para que se obtenham resultados concretos, e não apenas promessas.

> A cimeira deve focar-se numa parceria mais equilibrada e com um foco em ações concretas. É vital que as vozes africanas definam a agenda, em vez de apenas reagir às prioridades da Europa.

> Os países africanos devem apresentar-se como parceiros e não como pedintes. Devem discutir futuras parcerias em termos de recursos e na adaptação a mudanças climáticas, além de investimentos justos e atrativos.

> Um acompanhamento mais rigoroso, maior transparência e uma liderança e apropriação africanas são fundamentais daqui para a frente. Isto precisa de ser aprofundado na próxima 7.ª Cimeira UA-UE em Luanda.

A parceria beneficiaria de uma liderança africana mais forte, de quadros mais claros de implementação conjunta e de uma maior transparência na seleção e no financiamento dos projetos.

Integrar jovens, sociedade civil e setor privado nos mecanismos de monitorização será fundamental para uma parceria transformadora e equânime entre a UA e a UE.

A retórica tem de passar definitivamente de uma lógica de 'doador-recetor' para uma parceria verdadeiramente recíproca, de continente para continente, centrada no papel de África no G20, na reforma do Conselho de Segurança da ONU e nas cadeias de fornecimento globais.

A redefinição da relação UA-UE deve assentar no respeito mútuo, na prosperidade partilhada e com vozes em pé de igualdade. A cimeira deve demonstrar que a Europa reconhece África como um parceiro estratégico, e não como um continente dependente.

Em prioridade, garantir que a execução lenta possa ser acelerada, de modo a assegurar que, até 2030, todos os compromissos sejam cumpridos. São necessárias soluções viáveis para enfrentar perturbações geopolíticas e económicas e crises globais. Isto inclui questões como a inflação, o sobre-endividamento dos países africanos e a mudança nas prioridades da UE, que desviou atenção e recursos.

2. Um apelo para focar em prioridades-chave: emprego, acesso à energia, transformação digital, alinhamento com a Agenda 2063 e aceleração da ZCLCA

Os inquiridos pediram decisões que façam avançar a transformação económica de África: passar da exportação de matérias-primas para a produção de valor acrescentado, promover o comércio justo e a industrialização verde, acelerar a integração da ZCLCA e os planos do pacote de investimento Global Gateway para reduzir os custos do comércio.

Também sublinharam a importância de parcerias que aumentem o crescimento nas transições verde e digital, com foco no sector das energias renováveis e na conectividade digital.

A prioridade ao emprego jovem e ao desenvolvimento de competências foi apontada como essencial para o crescimento de África. Os inquiridos destacaram ainda que não pode haver desenvolvimento sustentável em África sem paz, segurança e boa governação. Esperam que a cimeira inclua discussões sobre o reforço dos sistemas de prevenção de conflitos, o combate à corrupção e a melhoria da responsabilização eleitoral.

> Gostaria que a cimeira avançasse para além das declarações e conduzisse a compromissos concretos. As prioridades devem incluir o reforço dos fluxos de comércio e investimento, a reforma da arquitetura financeira para garantir um acesso mais justo ao capital para os países africanos e o avanço de parcerias na transição energética e na infraestrutura digital. Espero também que as discussões abordem o emprego e a mobilidade dos jovens - áreas essenciais para uma relação África-Europa sustentável e mutuamente benéfica.

> Daqui para a frente, é fundamental alinhar de forma mais estreita o Global Gateway com a Agenda 2063, as prioridades da ZCLCA e os ODS.

> Espero que a Cimeira vá além das declarações e avance para planos de ação concretos e partilhados. As prioridades devem incluir investimento no reforço dos sistemas de saúde, no emprego jovem e na inovação digital como pilares da resiliência africana. Espero igualmente ver um compromisso genuíno com parcerias equitativas que reforcem as instituições africanas e a expertise local. Por fim, a resiliência climática, a educação e a governação inclusiva devem continuar no centro da cooperação África-Europa.

> Os líderes devem concentrar-se em transformar a 'Visão Conjunta 2030' em projectos reais que criem empregos, desenvolvam indústrias e ampliem o acesso à energia, às ferramentas digitais e à educação.

> Uma revisão franca, conjunta e mensurável do Pacote de Investimento África-Europa, no valor de 150 mil milhões de dólares, é crucial. Os líderes devem abordar áreas de progresso lento, como a reestruturação da dívida e o conteúdo local nos projetos.

> A 7.ª Cimeira UA-UE, em Angola, será um momento-chave para renovar e reequilibrar a parceria África-Europa. As expectativas são elevadas quanto a resultados concretos, e não apenas promessas. Os líderes devem concentrar-se em transformar a 'Visão Conjunta 2030' em projetos reais que criem empregos, desenvolvam indústrias e ampliem o acesso à energia, às ferramentas digitais e à educação.

> Uma governação mais centrada nas pessoas por parte dos líderes do continente. A falta de dinheiro não é o problema, mas sim a incapacidade de responsabilizar os nossos líderes. Por isso, o foco deve estar na melhoria dos sistemas eleitorais e no combate à corrupção e à má gestão dos fundos.

> Devem ser abordados os seguintes temas: juventude, inovação e desenvolvimento do capital humano; paz, segurança e não-interferência; reforço da governação Africana e da autonomia institucional; justiça climática e energética.

C. Avaliação geral da parceria atual África-Europa

Qual é a sua avaliação geral da atual parceria África-Europa?

Os principais desafios identificados são os desequilíbrios de poder e as dinâmicas que comprometem a confiança e a responsabilidade conjunta, bem como uma narrativa política dominada pela gestão da migração.

Para que a parceria avance, os inquiridos consideram que o seu sucesso depende da capacidade de agência africana, de uma governação transparente e do alinhamento com as prioridades continentais, com parcerias horizontais baseadas no respeito mútuo e em interesses partilhados.

> A parceria África-Europa está num ponto de viragem. África precisa de investimento equitativo e de transferência de tecnologia. A Europa precisa de se envolver com África como um igual, não como um projeto.

> A atual parceria África-Europa demonstra um forte potencial, mas continua a ser desigual. Embora a cooperação em áreas como o comércio, o clima e a migração se tenha aprofundado, os desequilíbrios de poder e os compromissos não cumpridos - especialmente em torno do investimento justo, da transferência de tecnologia e da mobilidade - continuam a limitar a confiança e o progresso partilhado.

> O progresso destaca a crescente interdependência entre os dois continentes no meio das mudanças globais. No entanto, os desequilíbrios de poder persistem, com a Europa a definir frequentemente a agenda. A implementação no terreno é desigual e a gestão da migração continua a dominar a narrativa política. Os parceiros africanos reivindicam uma maior apropriação e menos condicionalismos, enquanto os padrões comerciais continuam inclinados para as exportações de matérias-primas.

A relação entre a Europa e África parece muitas vezes mais exploratória do que genuinamente colaborativa. Embora a Europa preste ajuda a África, este apoio é frequentemente acompanhado por interesses subjacentes que beneficiam a Europa - tanto direta como indiretamente. Para que a relação entre os dois continentes se torne verdadeiramente mútua e benéfica, é necessário haver uma maior transparência, respeito pela soberania de África e um compromisso com um envolvimento justo e equitativo, livre de influências indevidas.

A atual parceria África-Europa tem feito progressos em áreas como a paz, a educação e a saúde, mas ainda reflete dinâmicas de poder desiguais. Muitas vezes, parece mais uma relação doador-recetor do que uma verdadeira parceria entre iguais. É necessário priorizar a corresponsabilidade, a liderança local e os investimentos sustentáveis em capital humano e inovação. Para que a parceria seja transformadora, deve basear-se no respeito mútuo, na confiança e em objetivos partilhados a longo prazo.

A parceria África-Europa carece de força e equilíbrio reais. Permanece em grande parte transacional, com pouca confiança mútua ou tomada de decisões equitativa. A Europa ainda dita a maior parte da agenda, enquanto as prioridades africanas são frequentemente sub-representadas na implementação. Enquanto a parceria não passar da ajuda e da retórica para o investimento mútuo genuíno, o desenvolvimento de capacidades e a responsabilidade partilhada, terá dificuldades em alcançar resultados significativos.

Estamos numa era em que os africanos estão a trabalhar na construção de uma nova relação proveitosa, justa e equitativa com a Europa. Uma relação em que África não seja explorada, mas também beneficie desta relação de forma justa. África está no caminho de uma mudança na sua relação e colaboração com a Europa para melhor.

Para saber mais detalhes sobre a NGN, favor contatar:
ngn@moibrahimfoundation.org

mo.ibrahim.foundation

FB→ /MoIbrahimFoundation

X → @Mo_IbrahimFdn

IG→ moibrahimfoundation